

O PÃO

Da Paçaria Espiritual

Gerente
José Carvalho

Director
Antonia Salles

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Portaleza, 15 de Outubro de 1896.

N.º 35

EXPEDIENTE

“O Pão”

Revista de Litteratura e Arte.

Publica-se duas vezes por mez

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	1\$000

Só se acceptam pedidos de assignaturas para fora desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua do Major Facundo n.º 4.

SUMMARY: — Os Quinze dias, Cariry Brauna; *Magnas*, Rodolpho Theophilo; *Carta de um cariaco*, Moacyr Jurema; — *Immaculado*, José Heitor; — *Celina*, José Carvalho; — *De branco restita*, Carlos Victor; — *Um dia em M...*, A. S.; — *A alma e a penna*, Antonio Salles; — *O boi Estrella*, Rodolpho Theophilo; — *Paisagem*, Antonio de Castro; — *Duvida*, Lafayette Silva; — *Bibliographia*, M.; — *Imprensa litteraria*, Carteira.

OS QUINZE DIAS

Felizes e risonhos *Quinze Dias* estes que se escaçaram rapidos e que me obrigam a passal-os em escrupulosa revista. No desempenho desse penoso dever, qual um general, desponho-os em fila... de semana, manda-os perfilar, encaro-os investigadoramente e o final resultado do meu *exercicio* de chronista é que acho todos um pouco desfigurados e magros, mas animadoramente satisfeitos como quem espera a realisação de uma felicidade sonhada.

E de facto: nestes ultimos dias o Ceará tem experimentado no intimo um alvianço preannuncio de provavel melhoramento de sorte.

Era bem triste e desconsolador o estado de anemia profunda em que se via este pobre filho do Norte. O Amasonas esgotou-lhe todo o seu rico e precioso sangue, derepou-lhe os vigorosos braços e deixou-o ficar exausto e debatendo-se quasi nas convulsões da miseria. Hoje, porém, o Ceará ensaia levantar-se e levantar-se ha, graças de Deus! E spira segmos.

Está muito bem começada a iniciativa da extração da borracha dos nossos infinitos manicobaes que ali estão pujantes de rica seiva e que não invejam os opulentos seringaes amasonicos. Não invejam porque: vendida a borracha a 8\$000 o kilo, como no mercado se vende e regulando, termo medio, o trabalho de um homem 3 kilos por dia, como me consta, esta quasi na mesma proporção do Amasonas e é só isto sufficiente para estancar a emigração e constituir inestimavel fonte de riqueza para o Ceará e para os cearenses.

Que se voltem todas as nossas vistas para o fabrico da borracha e que se plevina o Amasonas para a serna competencia que lhe vamos faser, na certeza de que não nos levará mais um só braço dos que felizmente ainda nos restam e que infelizmente não nos chegam.

Cearenses! aos manicobaes e linda sera vossa pobreza!

Infelizmente, como disse, não nos chegam os poucos braços que ainda felizmente nos restam.

E, como nosso governo cogite de um tratado de immigração estrangeira, venho lembrar um alvitro que acho interessante e pratico: de baixo de todos os pontos de vista. Ao invéz da immigração chinesa, se faça a immigração polaca.

Não sympathizo nada com aquella escandalosa rabicha e muito menos com o formidavel par de ventas *apragatadas* e chatas dos filhos do... chinês imperio.

Alem disso, de cousas chatas, basta a nossa propria cabeça tão tradicionalmente conhecida.

Abramos o nosso hospitaleiro lar e façamos vida commum com essa infeliz mas activa e distincta raça filha da Polonia!

Intelligente e nobre povo creado no ostracismo da patria que injustamente lhe roubaram, e que tem sido punica-do no cadinho de todos os soffrimentos afflictivos que por ventura possam cabir sobre o destino de um povo.

Como eu vos amo desventurados polacos! só porque de alguma forma arho parenda vossa sorte e vosso caracter com a sorte e o caracter do povo cearense!

Abramos nossos braços para fraternalmente apertar as immigrantes colonias polacas e em breve o Ceará será conta-lo no numero dos mais felizes estados da União Brasileira. Por muita parte, para este fim empenho todas as forças

do patriotismo de que desponho e até se for preciso poderei firmar um pacto com o governo: venha a immigração polaca, que este humilde chronista rapaz sulteiro, livre, desempedido, se compromette (isto em segredo para que algum não saiba) casar com uma polaca immigrante, só exigindo que seja ella bonita e virtuosa. Ella, uma outra Rebecca que será a base de um culto povo aliençado por Deus, de uma outra tribo de Israel sua escolhida e amada; mas que, confio... não se tornará tão caipora depois! De crusa-mento de polaco com cearense, acredito que sahira uma raça de gigantes ou de anjos, e modiz a Biblia que nos primeiros tempos apparecia a raça privilegiada dos filhos de Deus com as filhas dos homens.

De-nos, Sr. Governador, a nós cearenses a felicidade da immigração polaca, e a mim em particular a suprema ventura de ser o patriarcha de uma raça de escolhidos!!

Como se todas essas felicidades mencionadas acima não chegassem para levantar o Ceará, esta a nos chegar outra que passo a relatar aos leitores do “Pão” reservando para ella todos os direitos e garantias de boato.

E' que vem nos chegando a porta com o Barão de Ibiapaba o prodigioso Padre Keneipe que tem assombrado o mundo com a sua maravilhosa *cura d'agua*. Si é exato que o velho tomou essa feliz resolução, então Cearasinho preparai-vos para não faser uma triste figura!

E' necessario apresentar-vos com um copioso inverno para que não haja falta d'agua para o Instituto e assim ficar bem desmentida a triste fama de terra da secca. Muito cuidado, pois!!

Ao lado dos resultados felizes do Instituto Keneipe que será levantado na Conceição de Baturité já estou prevendo as tristes consequências de uma guerra promovida por trez classes de gente: meli-cos, pharmaceuticos e sapateiros!

Isto é certo, inevitavel, fatal *charges l'argent*! Mas, meus Senhores eu muito encarecida e antecipadamente vos peço que não brigues enquanto aqui se demorar o homem, que deixeis as descompensuras para depois de sua retirada porque ficarei conñado que, com o aguaceiro da atmosphera cearense e a vossa reprimida calma, o prodigioso e humanitário medico padre ficará satisfetissimo por nos haver feito a sua preciosa visita e nos haver dotado com tão inestimavel melhoramento!

Cousas do mundo! quem haveria de dizer que veria um tempo em que todos os nossos males seriam curados com água simples? Que água, que tanto possuímos, no mar, no seio da terra, no ar, em toda parte e com tanta abundância viesse substituir a droga, derribar as phantasias e constituir-se o remédio universal para todas as humanas enfermidades do corpo?

Ah! meus Deus! como tudo se vê neste fim de século em que se descobriu mais esse prodigioso effeito d'agua que para tanta coisa já nos servia e que com tanta prodigalidade creaste, aproximai os tempos em que no Brazil as pedras e as folhas também tenham o valor de dinheiro, para ver se assim subira o nosso cambio, e se poderão equilibrar as finanças do meu País!

Por todas essas esperanças de felicidade para a nossa terra, foi que achei risosinhos e felices os *Quinze Dias d'O Pão*. E como dizia um meu compadre que o melhor da festa é o tempo que se leva esperando por ella, aqui faço ponto e vos convidei a esperar pela realisação dos grandes acontecimentos futuros.

CARLEY BRUNO.

MAGUAS

(DE UM MEU COMPADRE NÓO)

Nem me tens sabes tuas minhas maguas...
Para poupar teus prantos e desgosto
Capso de risos o meu triste rosto.
Deu cá a escondo a rudes fragoas.

As minhas penas em silencio trago-as.
Quil' traza a noite os raios do sol posto:
E penas meu viver eterno gosto.
Um singular de batel em mansas aguas...

Acesso vê a terra as harmonias
Das espheras que boiam nas soubrias
Regiões do universo sideral?

Ah! também entre nós um vacuo existe.
Abismo a dissolver tudo o que é triste
E que pod'a tua alma fazer mal.

(DE UM MEU COMPADRE NÓO)

Carta de um carioca

Continua o nosso hospede:

-Tu e eu, como todos os que no Rio se occupam de letras, seja como cultores, seja como simples amadores, nos impressionavamos fortemente com o que notavamos de prosperidade intellectual neste Ceará—terra de um incontestavel relevo original entre as suas irmãs da União Brasileira.

Rara era a semana em que a imprensa fluminense não accusava o recebimento de um livro publicado aqui.

Eram-nos familiares os nomes das associações.

—Instituto, Padaria, Academia, Centro etc. e de escriptores cultivando com affeição tolos os generos litterarios.

Diante d'esse brilhante e enthu-

siastico movimento espirital, nós nos tomavamos de inveja ao contemplar a inanidade do meio litterario da capital da Republica, onde o desprezo publico pelas cousas da intelligencia corre parellhas com a falta de solidariedade, com o isolamento egoistico e mesmo hostil em que vivem os homens de letras.

A lucta pelo successo no meio de um publico sem educação intellectual, de paladar estragado pela fancia franceza e pela pornographia portugueza, divide o nosso mundo litterario em pequenos grupos intolerantes, que por sua vez se subdividem em individualidades cheias de pretensões e vãsias de saos e nobres idéas artisticas.

Apenas alguns convencidos, alguns temperamentos litterarios intransigentes como Machado de Assis, Alberto de Oliveira, Coelho Netto e pouquissimos outros, se mantêm penosamente nos seus postos, à margem do mercantilismo dissolvente e do *bibelatismo* que collocam a Arte nas mesmas contingencias da Moda, fazendo-a vestir extravagantemente, para armar ao effeito, idéas aleijadas e rachiticas.

Nestas condições voltavamos nós consoladamente os olhos para o Norte e imaginavamos que uma nova Athenas, ou Weimar, ou Villaria desabrochava sobre as praias cearenses, no calor do glorioso cêo da terra da luz.

O desejo de ver de perto esta phenomenal florescencia litteraria foi que me fez vir de preferencia para o Ceará, a despeito da distancia e de umas tantas inconveniencias que não apresentaria um passeio a Juiz de Fóra ou a qualquer outra cidade mineira.

E cheguei, vi e... verifiquei que a coisa não é tão bonita quanto parece de longe.

Mas também não é tão feia quanto ali.

Nota-se enthusiasmo, desinteresse e fraternidade entre a gente que escreve, o que se não dá geralmente ali. A differença consiste em que no Rio já se procura fazer das letras uma profissão, e tal tentativa encontrando de frente um publico refractario, redonda em decepções que azedam os espiritos e dão em resultado a situação irritante que já assignalei.

Aqui não — os que escrevem se resignam á posição de amadores e só trabalham nas horas que lhes sobram dos labores da vida pratica.

Ninguém se arrisca a imprimir

um livro confiado ao publico, que é o mesmo de todo o Brazil. Sómente, como o meio é pequeno e toda a gente se conhece, o burguez, por attenção ao auctor, acceita o livro, que em geral não lê.

De fórma que o apregoado movimento litterario do Ceará consiste apenas na tenacidade de alguns abnegados e na tolerancia pagante do publico.

E é nestas condições que o Instituto estuda proficientemente a historia do Ceará, que a Academia discute theses scientificas e que a Padaria Espiritual e o Centro Litterario fomentam o movimento litterario.

O auxilio do publico não é porrem sufficiente para as despesas de impressão, e assim tem logar esta circumstancia deprimente para a mentalidade brasileira—paga-se para escrever.

Raros e talvez mesmo nenhum dos que têm publicado livros aqui, se podem gabar de o ter feito sem deficit.

O Pão e o Iracema são sustentados em grande parte pela bolsa dos redactores, e si tanto não acontece ás revistas do Instituto e da Academia é porque o Governo lhes concede uma pequena subvenção annual.

Ora aqui tens o reverso da bonita tcla que nós contemplavamos em espirito com um desavaneimento que concorria para mais serenamente julgarmos o meio litterario da *litterophoba* capital da Republica.

Em todo o caso, não é completa a nossa desillusão:—ha boa vontade, ha talento e emulação nesta geração cearense entre a qual já se contam alguns nomes de valor e donde podem sair com mais algum tempo de estudo e de trabalho escriptores que venham a honrar as letras naci naes.

Quanto á formação de um publico que os estime e consagre, não é licito aventar hypothese alguma... Parece que á educação brasileira preside cada vez mais «a preoccupação constante do lado pratico e material, do provento a auferir immediatamente, que é a morte de toda a elevação moral, de todo pensamento verdadeiramente nobre e desinteressado», como o affirmava Maurice Leloup nos seus interessantes estudos sobre a educação franceza.

No Brazil não ha publico legente porque a nossa defeituosissima instrução não incute nos espiritos jo

vens nenhuma noção de gosto literário, que não só não prejudica as ocupações práticas como até as auxilia, trazendo à existência uma porção de espiritualidade indispensável para que o homem seja um ser tal como a civilização o fez».

Aqui termina a parte publicável da carta do illustre moço Hummense, que a estas horas singra os mares em rumo de sua terra, levando o fígado limpo de bília e o coração (disse-me elle) cheio de saudades de nossa terra, que tão curiosas apreciações lhe despertou.

MARAVILHOSA.



IMMACULADA

a essa que possui uma sublime ignorância—a do Mal.

Teo coração, alvo como um fechado calix de luz, que eu penso brandamente beijado por um anjo, certamente não devêra do meo ser penetrado...

E' tu'alma, tão santa como o alado, tremulo som de um osculo tremendo de Maria em Jesus; bem tristemente penso-o: unida à minha—altar manchado...

Doe-me!... Porém se a minha pobre alma as vezes vela o escuro, o negro manto que passando por nós o Vicio espalma...

o affecto que por ti nella fluctua (o meo olhar te diz!) é puro, é santo como a bendita ignorancia tua!

JOSÉ HEITOR.



Celina

A MINHAS IRMÃS

Não se trata da encantadora Celina do *Casamento e Mortalha*. E' verdade que, poucos dias antes, havíamos lido esse interessante romance, quando um dos nossos moradores offereceu a minha irmã uma *rianna* roubada piedosamente do ninho entretecido muito alto, na fronde de uma palmeira visinha.

Foi de um terrível contraste a dor desapercebida, angustiosa dos loucos paes—ta pobre avizita inconsciente, a pipillar o nosso jubilo, as alegrias estridentes de todas as crianças ao redor da pobre que alli se achava prisioneira, roubada.

Ella, quasi toda implume, com frio, nos olhava indifferente, as vezes certando os olhos, atônita por se ver rapidamente transportada a outro mundo tão extranho, tão feio para ella, que estava acostumada a liberdade do ar livre, ao rompuço da folhagem e a familiaridade consoladora dos paes. Os seus carnhosos paes—que n'uma impaciencia caridosa e amável voavam, percorriam tudo, investigavam as moitas, iam cantando acanhado e voltavam com alimento ao ninho estivo de pipilloes, ao ninho quente dos querruchos.

Não comprehendia ella que os nossos (para seus ouvidos, talvez grosseiros desaharmoniosos) fossem manifestações de alegria tributadas a sua po-

Nas primeiras horas não lhe faltaram desvelos e cuidados, por parte de todos que desputavam o logar de *paradoptica*, o que não era trabalho algum, pois que a pequineta toda emplumada de pretos, os encontros das asas, orladas de delicada sonda amarella, quando sentia fome, apenas via o palito, levando a extremidade uma pequena lagarta, ou uma gotta de leite, abria avidamente o bico e engolia com prazer o que se depositava, pouco se lhe importando que viesse da parte de seus carnhosos paes ou das mãos alogas que lhe violaram a liberdade.

Imocência! por certo, porque a maior parte dos passaros quando prisioneiros vellos morrem na gaiola sem receber alimento algum.

Passavam-se os dias e ella expandia-se, tornava-se mais robusta, vivia aos poucos, recebendo a influencia do novo meio.

A plumagem coloria-se; o seu corpo perdia a rotundidade primitiva de formas e adelgacava-se, prestando-se ao ensaio, ao requiebro rapido do vôo. A pequineta deixava a primeira infancia.

Saltava pelas travessas da gaiola e espreitava o mundo por entre os amarellos palitos de sua prisão.

Era-lhe preciso agora o baptismo e era-nos preciso tambem um nome doce, delicado, que correspondesse ao perfil gracioso da gentil baptisanda.

—Celina! foi o nome subtil que occorreu aos labios de todos.

Celina era a fantasia vaporosa e azul que nos emocionava a alma! foi portanto o nome da nossa escrava. Escrava? que digo? Não! não podia, por certo, ser nossa escrava quem amavamos tanto: compaheira, irmã ou amiga, era o que era Celina!

A primeira nota de canto que ensaiou, todos nós ouvimos, todos estremeçemos de alegria; foi um acontecimento esplendido e feliz.

Contavamos uns aos outros que Celina havia cantado. Os mais exagerados, como o Tristão, desiam que havia sido um canto completo, harmonioso, tal como o das viannas do campo.

Não o foi porém, —a bem da verdade—foi simplesmente uma nota incompleta meio guttural, um ensaio tímido: o seu primeiro *bulbuciar*.

Outros, porem, succederam-se; e nos primeiros dias a cantora prisioneira prendeu todas as atenções em torno de seu carcere.

(Predistinação admirável a das aves! roubadas ainda implumes ao ninho, traem consigo, para soltar mais tarde, o canto peculiar a especie!).

Não foi esta, por ventura, a phase mais interessante de sua vida e de nosso entusiasmo. Não é que não fosse uma quadra de alegrias e de cantos—plena alvorada de vida—mas era que ella e nós por outros acontecimentos havíamos de passar.

Pela manhã, apesar do escuro da sala em que dormia, Celina despertava com os passaros da floresta, com seus irmãos que gosavam a liberdade do ar e da selva.

Quando todo o campo despertava ao albor magico da madrugada, quando o espaço, aqui, alem em toda a parte, se enchia com a orchestra impetuosa da passarada, ella ruflando, alegremente as asas, saltando a doce melodia de suas notas, parecia nos dizer: *é hora! levantai-vos, co'ja despertar!*

Levantavamos, somnolentos, enfren-

nhados, e a encantadora Celina revoltando alegremente na gaiola, n'uma alegria saltitante cantava de mil e varias formas, arrojando nobremente a cabeça os passaros que ouviam cantar e assim pressavamos a travessia e alegre, saltitante da vida como n'uma eterna primavera.

Poderia dizer que a essa avestratícia alguma coisa de humano, real e comprehensível se que esta ideia é bastante grossa para exprimir a doce e requetada de formas a impressão delicada, a do donaire gracioso que inspirava a cada corpinho fravello, negro, subtil, sereno de uma garçinha flexivel que se prestava as mais esquisitas e suaves modulações do som a mais caprichosa harmonia.

O que tinha ella de humano, portanto, era somente a nossa admiração e o nosso amor.

Havia em seu ser tudo de ave mesmo e muita coisa de sylpho, de um geniosinho vaporoso, aereo, que nos cantava a fantasia quando perdida no mundo delicioso do sonho.

Parte integrante de nossa familia Celina nem por um instante teve um desaffecto, nunca comprou uma imansadi-sinha passageira embora, tão commum entre os meninos.



Um dia, ao amanhecer, ninguém ouviu o seu canto: passou despercebida esta falta até que sua *dona* chamou a attenção da casa:—(Que de Celina?! Não está na gaiola!)

A esperança de que ella estivesse por alli, ao pé, desfez-se quando foram percorridos todos os quartos, removidos todos os móveis e não se deu pelo menor signal de Celina.

A principio, uma surpresa mesclada de incertezas e duvidas assomou ao espirito de todos: depois a verdade acen-tuava-se evidente, a ansiedade crescia cheia de conjecturas entristecedoras, fataes.

—Onde estaria Celina?

—O que seria della?!

—Os gatos? —Seriam os gatos? ou teria voado para o campo?!

Não havia noticia, não se podia encontrar o mais simples indicio por onde se podesse chegar a uma evidencia qualquer mesmo por mais triste que fosse.

Foram cuidadosamente percorridas as cercanias da casa; bateram-se todas as moitas, foram balançadas as arvores visinhas, revistada a casa; nem uma esperança! nada! Tudo selencioso como um sepulchro!

Recalharam nos gatos todas as suspeitas.

—Foram os gatos! foram os gatos!

O Tristão—o mais exagerado de todos—garantiu que ouvira o *rosnado* de um gato como que comendo alguma coisa—verdade era—disse elle, que não estava bem acordado! mas ouvira!

Uma revolta de oburgalorias e de odios recamim fulminante contra os bichanos que eram presos e maltratados sem a menor garatia. Foi promovida uma guerra de exterminio contra os trancieiros assassinos de Celina.

Impellido, cruel, o gato que commettera tamanha delicta...

A confusão tornava-se tumultuosa queriam todos conjecturar *acertadamente*, sobre qual fora o assassino.

O Mimoso! desiam uns—foi o Mimoso, é o seu costume pegar passaros no terreiro.

piam nua a sarabanda de sylphos allucinaes.

Aos acalantos do vento o meu corpo verga languidamente, e as minhas palpebras teimam em fechar-se sobre a página cujo sentido me parece mais indecifrável do que a celebre tirada em cifras de Balaie na *Philosophie du mariage*.

A natureza tropical, com toda a intensidade da sua quentidão estival, envolve corpo e alma numa atmosphera de desalento e tédio.

IV

Mas para traz se alteia a serra, sobranceira e risonha, vestida de sol e enfeitada de verdes, retalhada de torrentes claras, onde se destacam as zonas cultivadas, reconhecíveis pela symetria das linhas de plantações e pelo tom claro da verdura.

Tem-se a illusão de sentir de cá da charneca resequida a frescura daquella região edenica, e experimentam-se desejos violentos de subir para ella buscando um abrigo á sombra das suas grandes arvores, matando a sede dos poros e da garganta a mergulhar com volupia nas suas aguas crystalinas e a sugar gulosamente o succo dos pomos que pendem mamiformes dos seus laranjeas viridentes...

V

Entardece precocemente aqui, porque logo ás cinco o sol se esconde por detrás da serra, e a sombra desta cobre suavemente uma vasta extensão que se prolonga muito para além da casaria. Só as eminencias opposta á serra continuam illuminadas até as proximidades do pôr do sol.

A planicie se alaga então da meia luz de um crepusculo ficticio a esbater os tons asperos da paisagem, por onde a vista passeia repousadamente.

Formam-se rodas pelas calçadas e vêem-se passar os leões da terra sobre os seus ga-bosos cavallos de sella, que *esquipam* correctamente, num passo miudo e rapido, de pescoço *encapotado*, quasi a tocar com o beico inferior nos largos peitos musculosos.

Uma grande paz bucolica paira sobre as cousas, e a alma se fecha gostosamente num recolhimento doce que se enlaiva de mysticismo quando as Ave-marias reboam lentas e graves no ambiente encimado do calmo.

Os transeuntes descobrem contritos, e uma revolta de preces sobe ao céu de envolta com as no-

tas plangentes do bronze sagrado.

VI

A noite escurissima envolve tudo lá fora. Ouve-se perto um trovador cantando uma modinha apaixonada no violão, que solta gemidos dos seus bordões fortemente vibrados.

As cascas jorram ondas de luz pelas janellas.

Ao longe, um amplo clarão avermelha os ares — é o fogo que devora os destroços de uma *leira*, á qual já se colheu a canna, e a prepara a produzir uma *súcca* pujante e vigorosa.

São apenas 7 horas, mas a conversa esmorece sensivelmente, pontuada de bocejos incorreíveis.

Nota-se então que a noite está cálida, que as palmas dos coqueiros em frente não se mechem.

E para que não se ocupe a gente da vida alheia, que é a distracção obrigada dos logares pequenos, e como o livro encetado se torna absolutamente inabordavel, toma-se um baralho e joga-se *tres-sete* até á hora do chá.

A. S.

A alma e a penna

... o que a mão não escreve.

Olavo Bilac

Pobre lamina flexivel
Sobre esta lauda pendente
Tudo o que a alma humana sente
Tentas pintar... Impossivel!

Ha sentimentos agudos,
Singulares, transcendentos,
Que as palavras impotentes
Deixam para sempre mudos.

Além dos risos banaes
E dos gemidos vulgares,
Na alma ha gostos e pesares
Que não exprimes jamais.

Ha sensações exquisitas,
De um profundo e ignoto alcance,
Que nos ferem de relance
E nunca foram descriptas.

No teclado da linguagem
Nota não ha que traduza
Um echo só da confusa
Voz desta intima veragem

Porque ha em nós um *maelstrom*
Que turbilhona, esfuzia,
Ruge, frene, rodopia
E tudo em breve consome

As vetes no oceano da alma,
Azul, sereno, risonho,
A curva galera de um sonho
As brancas velas espalma

Voga por alguns instantes
Da luz ao rutido brilho,
Enquanto no tombadilho
São os festivos decantando

Mas ao barathro secreto
Que tem o mar da consciencia
Leva o fluxo da existencia
O pobre sonho dilecto

Aos sorvedouros profundos
Lá vai o barco sem redea:
E se consuma a tragedia
Dentro de poucos segundos

As linhas calmas do rosto
Quem entanto nos espia,
Nem nos sondou a alegria,
Nem nos percebe o desgosto.

E si no fatal momento
A fragil penna empunhamos,
Ella verga como os ramos
Sob os acoides do vento

Penna! a premir-te na mão
Com que febre as vezes busco
Dehuxar num traço brusco
O raio de uma paixão!

A esgrimir-te eu invisto,
Esboço linhas bizarras,
E quando afinal esbarras,
Exclamo — não! não! não! isto!

A sensação percuciente
De ventura ou de pesar
Tu deixaste a resvalar
No fundo abysmo inelmente

agora é tarde! Estes lassos
Dedos a acção não convides!
Da alma os fulgentes bolides
Se extinguem sem deixar traços.

Nem mesmo o olhar da mulher
— Agua para os sentimentos
Poderá nestes momentos
No abysmo o seu rastro ver

Oh! penna! Quanto fui louco
Em desejar ver escriptas
Essas cousas inauditas
Que me agitaram ha pouco!

Senti algo de superno,
Feito de pranto e de riso,
— Delicias do paraíso
E soffrimentos do inferno.

E a penna fria e flexivel
Que empunhei nesse momento,
Ensaando um movimento,
Traçou na lauda — impossivel!

ANTONIO SALLES.



O boi "Estrella"

(Excerpto de um romance em preparação)

Tão embebidos iam os amigos na conversação que chegaram á raiz do Serrote da Onça, sem se aperceberem disso. O grito metallico de uma araponga, vibrando no espaço do cimo da mais crescenta arvore e repetido pelo echo de covoadas em covoadas; aquelle som estridulo de ferro batido de malha em bigorna veio lembrar aos vaqueiros o «Serrote» e por consequencia o «Estrella».

Era quasi meio dia, e o sol descendo verticalmente sobre a terra,

n'uma reverberação de cegar, batia nas superfícies das rochas e das arvores e nellas se entranhava o calor e os raios luminosos se refrangiam no ar.

Os vaqueiros subiram a ladeira sem grande tropel. A menos de meia legua ficava o «Olho d'água dos Macacos», bebedeiro do «Estrella». Quanto mais se approximavam da aguada mais moderavam a andadura dos cavallos. Quasi não se ouvia pisar os animaes.

O boi havia deixado a *malkada*, a cama feita no saibro pelo seu corpo de duzentos kilogrammas a sombra de um folhudo pão d'arco e veio ao bebedeiro. Era um bonito exemplar bovino. Tinha o pello negro como carvão e lustroso como se estivesse coberto de verniz.

Duas malhas brancas, symmetricas, em forma de aza de jurity enfeitavam-lhe as ancas.

A cabeça, armada de um par de cornos bem talhados e terminados em pontas agudissimas tinha no meio da testa uma mancha alva em forma de coração.

Era soberba a carnção daquelle animal. Avaliava-se a rijesa e a força da musculatura pela vibração da terra quando era pisada pelas patas do boi. O chão estremecia com o seu andar; e o ar se revolucionava, como si nas altas regiões da atmosphera uma massa aerea se tivesse deslocado, quando uma expiração plena sahia do peito da rez! O arquejo passava como um remoinho levantando as folhas seccas que cahidas estavam por perto e ia atufal-as no tronco das arvores proximas.

O boi era mal encarado; tinha os olhos vivos e pretos e sem a expressão melancolica da sua especie.

Era máo, bastava vel-o para certo se ficar disso.

O bebedeiro ficava no fundo de uma grota e era accessivel por duas ladeiras oppostas uma a outra.

O «Estrella» desceu pela rampa do norte e precisamente quando ia por a bocca n'agua assomaram os vaqueiros no cimo da ladeira do sul.

O boi ergueu a cabeça e deu tão grande sopro que agua espadanou em chuva n'uma grande area; vendo os vaqueiros com incrível agiltude voltou-se e galgou a rampa pela qual havia descido.

Mal os olhos de Queiroz e de Belmonte divulgaram na aguada o vulto negro do boi zuniu no ar o tropel dos cavallos que corriam a toda brida descendo a ladeira, cuja ingremidade favorecia a descida mas impe-

dia de darem a carreira a velocidade que desejavam.

Os cavallos acostumados áquelle serviço mal avistaram a rez dispararam, sem precisar que as redes os avizassem ou que as esporas do cavalleiro tocassem-lhes as illargas. Em um instante desceram e subiram as rampas, e quando o «Estrella» entrou em terreno plano e em franca catanga entraram com elle os vaqueiros.

A carreira era douda, vertiginosa de matta a dentro. O vento zunia n'um assobio fino e unico nos ouvidos dos homens e dos brutos, e a floresta se sumia n'um pastel esverdeado aos olhos d'elles, a seguirem na batida do boi, que abria caminho com as pontas e o corpo no cerrado mattagal.

Os espinhos dos urzaes, composto em sua maioria de *unka de gato*, retalhavam a pelle dos animaes, que nem os sentiam se lhes enterrarem nas carnes; o mesmo não acontecia aos homens porque as vestes de couro protegiam-lhes o corpo das arranhaduras d'aquellas aceradas garas.

Nos primeiros momentos que se seguiram ao encontro ninguém soube se o «Estrella» ganharia a partida ou se os vaqueiros. A balança esteve a pender para o lado do boi, mas o «Pensamento» passando o «Curisco», corria na trazeira do bicho, péga não péga.

Uma bulha infernal, uma estalajadura incessante de paos que se quebram, misturada ao som cavo do tropel das bestas a correr desenfreadamente era o que se ouvia na solidão da matta naquelle pedaço de terra.

O cavallo de Queiroz encontrou o boi quando este topando com os peitos uma montia tecida de cipós de cascada, não ponde rompê-la com a presteza que requeria a occasião.

O vaqueiro nem sube do incidente, e enrolando na mão a cauda da rez quando esta erguia os quartos na carreira em que ia, solevantou-a um pouco para um dos lados desequilibrando-a, e ella despejou-se no chão. A força, o movimento que a animava fê-la se enrolar na terra em repetidas cambalhotas.

Queiroz saltou do cavallo e sugerindo a rez pelas pontas, gritou á Belmonte, que vinha chegando:

— Rejeite o boi!...

O matuto pulou do cavallo e desamarrou do rabicho do *güeto* cordas de couro crú e uma mascara também de couro.

Depois chegou-se á cabeça da rez e assentou-lhe na cara a mascara, que era um quadrilongo de cerca de trinta centímetros de comprimento com bastante largura para tapar os olhos de um boi.

A vendição bem justa desde a raiz dos chifres até as aberturas das ventas pelas presilhas, que a sustinham amarradas sobre a saliência das queixadas.

A rez não se mexia; parecia morta. O atordoamento da queda, a commoção vibrada em todo o seu systema de nervos pelo choque, que recebeu seu corpo desaccordaram o bicho o tempo necessario aos vaqueiros para o manietarem a vontade. Mascara que foi elle, Belmonte metteu-lhe os cornos dentro de um laço, que apertou sobre o *cabello touro* e feito de uma valente corda de couro crú, cuja ponta amarrrou a uma grossa arceira, que ficava proxima.

O boi continuava a não dar accordo de si.

Queiroz quasi duvidando da vida d'elle, soltou-lhe as pontas e deu-lhe na pusa um formidavel pontapé, que acompanhou de um grito estridente.

O bicho accordou e levantou-se ligeiro como uma onça. A primeira sensação que teve foi a da venda, que não o deixava enxergar senão dos lados. Desesperado cabeceou repetidas vezes para sacudir fora a mascara; mas baldado eram os seus esforços: a peça permanecia collada á cara.

Desembestou, então, suppondo-se solto, mas poucos foram os passos, a corda acabou-se de sopetão e a para da subita deu em resultado a mais formidavel cambalhota.

O bicho ergueu-se ainda mais damnado e vendo-se preso deu um urro medonho que atroou montes e valles. Saltava, remetia, cabeceava, escabujava punha em jogo todos os seus meios de acção para se livrar da mascara, para quebrar a corda; mas embalde, não cahia a venda, nem um filete da trança partia-se e muito menos se alivia o mourão.

Queiroz e Belmonte fora do alcance do boi, que jogava a cabeça e erga, assistiam áquelle espectáculo e bem differente era o que sentiam. Joaquim olhava com grande piedade para o bicho, applaudia a lucta que elle sustentava pela liberdade, a revolta que o enfurecia, e sentia em si uma ponta de remorso por ter atraído a rez aproveitando-se da suspensão dos sentidos della para

manietal-a. Já o companheiro não pensava assim. Pelo rosto e elle via-se o gozo que lhe ia pela alma quando o boi em suas lousas lavestilhas murrava as arvoredos ou as pedras.

Queiroz com a viela e a os sofrimentos da rez proçoz a Belmonte saltar e levá-la em liberdade.

O matuto oppoz-se dizendo-lhe que parecia ella, porém menos do que soffreu elle quando semanas e semanas campeon de catinga a de resto, arranhado e com fome. E quando a encontrava, ella corria, mas em companhia do diabo. Não e meordou na seltura e só não rejeitou o boi quando Joaquim mandou por haver perdido a faza na carreira; mas esperava que elle cansasse de todo para por-lhe *surrupêin* e então levá-lo ao curral.

A lucta da rez não podia ser interminável, como também a força de seus músculos; e cingiu como vivente que era.

Agora offegante, com a lingua pendida um palmo fora da bocca, mal podia ar quejir tanta era a fadiga que a esmorecia inteira.

Belmonte se achegou a ella, poz-lhe a mão no lombo; e nem os nervos tiveram uma descarga, um arcepio no contacto da mão do vaqueiro, tal era o cansasso d'aquelle corpo.

Queiroz compadecido olhava o «Estrella», emquanto o companheiro preparava a comprida peia de um rebo grosso e forte. Ligadas as extremidades da fita de couro por um nó fixo, Belmonte deu ao rebo a forma de um oito, mettendo em uma das cabeças uma das pernas do boi até acima da curva e na outra a mão do lado correspondente acima do joelho. Feito isso passou uma cilha que abarcou a barriga do animal por baixo da *surrupêin* e fechou-se depois em um nó no meio do espinhago. Aquella peia-silha era para impedir que a peia descesse aos maxinhos e siltasse com o andar do boi.

O «Estrella» continuava enfesado mas não se mexia. Os olhos pretos faiscavam numa esclerótica de sangue.

— Vou humanisar este bruto, disse Queiroz a Belmonte.

— A ferrão?

— A musica.

— Tem V lembranças? E onde está a viola?

— Da dentro do peito, disse Queiroz batendo em seu largo thorax.

Tire as cordas e a musica do boi e cante V que nem seria e vo-

rá se elle derembesta para catinga ou se vai caminho do curral!

— Estava capaz de saltar-o para depois prendel-o com a minha toada.

— E bom não experimentar, embora batido elle fará uma letra, pois não duvido que elle tenha puuta e a o diabo.

— E cre V nessas bruxarias?

— E quem ainda duvida que haja *consu-feita*, Joaquim?

— Eu, e tanto duvido que dou licença que me horem feítico.

— Parece que V não ouviu contar o caso que succedeu o anno passado com o José da Picada na farinha do João Moco.

— Aquella mentira?

— Mentira o que, Joaquim, um caso succedido, que eu não vi mas que muita gente viu e foi notorio em toda esta ribeira. A Chica Piaba, uma velha de respeito, apanhou do chão os mocotós do cachorro, que o empalemano começou a noite quando corria o fado e lançou inteirinhos nos pés della e a vista de todos.

— Então o José da Picada virou lobishomem e comeu um cachorro e lançou depois os mocotós do bicho?

— Como sem duvida?

— E V muito creança ainda, Belmonte?

— Mas so creio no que está provado.

— Provado o que rapaz?

— Provado sim, pois foi conhecido pelos mocotós o cachorro, que era do Francisco Ribeiro, e nunca mais appareceu dito cachorro.

— Belmonte, conversa comprida faz quem quer, o dia está se acabando e a casa é longe. Desata o boi, que já descansou, para dar conta da viagem que eu vou embebedado de musica, mas da uma musica que o fará chorar se elle tiver alma e lagrimas nos olhos.

E Queiroz pondo-se na frente do boi delilhou nas cordas de seu larynge a toada melancolica dos boadeiros.

Um crepusculo cor de papoia, antes da luz viva do sol ter ondulado em suas petras aveludadas, encheu o espaço e depois veio caindo sobre a terra e a envolvenho em seu manto subtil e vaporoso. Grande era a melancolia desses instantes nesse pedaço de floresta virgem! As aves se calaram e se recolheram nos poços na ramaria dos arvoredos. A claridade cada vez desmiciava mais e os contornos das

montanhas ao longe e o perfil da matta proxima iam se pouco e pouco diluindo n'aquella penumbra, que mais tarde seria noite.

Grave é o silencio nos ermos, e grande esta terra até nos seus momentos de tristeza! Apenas cantavam os regatos e ouvia-se a toada nostalgica de Queiroz.

Muzica não ha que melhor exprima a saudade em todas as suas phases do que as notas que o matuto tirava do rude peito, mas de uma harmonia tão doce, que alma se deixava enervar pelo mysterioso fado, que gerava a melancolica melodia.

O «Estrella» humanisado marchava no compasso medido pela *surrupêin* se apachando Queiroz!

A fadiga e depois a muzica saudosa da toada moderaram nelle de todo a cohera e o boi deixava a sua alma de bruto se embeber toda naquelles saudosos accordes.

Belmonte acompanhava a rez e chorava. Aquelles tristes sons ondulando no espaço vestido de sombras avivaram-lhe no espirito uma funda saudade de seu contrariado amor.

As lagrimas empanavam-lhe os olhos banhando uma imagem de mulher que se lhe desenhava nas retinas.

E assim foram até a fazenda.

ROBERTO THOMAS

Paisagem

Tarde invernosa, que morre aos poucos, cheia de tristeza, de uma tristeza vaga e profunda que nos impressiona, que nos desperta n'alma recordações de tempos que se foram...

Quebram o silencio a voz enrouquecida e longinqua do trovão que rebôa pelo infinito a fóra, e o *tic-tic* monot no da chuva que cae, muito fina do céu carrancudo, coberto de pesadas nuvens, esbranquiçadas umas, outras escuras, cor de chumbo, que deslizam vagitrosas, arrastadas, de leve, pelo vento que sopra.

Deserta e humedecida a vasta estrada arenosa, que se desdobra á vista, prolongando-se além, n'uma extensão indefinida, tendo aos lados grandes arvoredos virantes, de cuja folhagem a agua goteja em grossos pingos espaçados.

E a luz do dia, que foge, se extingue lentamente, indecisa n'um bruxolear tenue...

Corrá — 1896.

ANTONIO CASTRO

DUVIDA

de Arthur Azevedo

Ao mesmo tempo que te ver desejo
Não desejo te ver um só instante!
E essa profunda duvida constante
Me torturando o pensamento vejo!

E' que se vir-te mais, eu soluçante
Posso tomar pelo sabor dum beijo,
E se não vir-te não mais tenho ensejo
De soluçar-te aos pés, agonisante!

Si nunca mais verei os meus olhares
Com teus olhares meigos se entretendo,
Penso não sentirei tantos pesares!

Talvez não creias no que vou dizer-te!
Quero te ver, mas vejo que te vendo
Não posso mais deixar de sempre ver-te!

LAFAYETTE SILVA.

—

Bibliographia

Giovannina, por Affonso Celso—Domingos de Magalhães—Rio de Janeiro, 1896.—Livro singular este, a que o autor chama em uma sub-epigraphe—*romance dialogado*.

Em uma nota final affirma porem, não poder definir o livro, que tem muita coisa de drama e que o seria de todo com um pequeno trabalho de adaptação á scena.

Tal como está pode ser um *romance dialogado*, mas romance de moldes novíssimos, em que o autor ensaia uma investida para os campos symbolistas, como aliás é sua intenção, confessada na referida nota.

Como não conhecemos os processos symbolistas do romance, achamos que *Giovannina* é mais que tudo um drama, salvo a ausencia de pequenos detalhes de valor puramente tecnico. O estylo guindado e emphatico dos dialogos; o nome dos personagens collocado isoladamente no alto de cada um delles; a descripção prévia e separada da paisagem—tudo dá á obra uma pronunciada feição de peça theatral.

Quanto ao fundo, explora o autor, cremos que o primeiro, um episodio da vida dos immigrants estrangeiros que buscam nosso paiz, episodio cujas peripetias dão ensejo a que revele o autor boa somma de conhecimentos da nossa vida popular.

O livro é de leitura attrahente pela elegancia do estylo e pela novidade do assumpto, tanto assim que não tivemos animo de largal-o antes de virar-lhe a ultima pagina. Mas, francamente:—preferiríamos que Affonso Celso houvesse dado a sua interessante obra a forma de tudeia ou drama ou do romance

liso de ensaio symbolista não explica coisa nenhuma para quem, como nós, não acredita que o symbolismo seja outra coisa mais que um incidente morbido da mentalidade de estre fim de século.

Bem sabemos que o Naturalismo é uma escola que passou, (embora continue a dar fructos posthumos como o *Bom creoulo* de Adolpho Caminha); mas elevar o symbolismo á altura de seu substituto é querer substituir um gigante por um pigmeu... aleijado.

Está ainda por se crear a escola que ha de substituir o Naturalismo e talvez que nem se crêe, porque a Arte, perfeitamente emancipada, venha a ser feita de hoje em diante á imagem e semelhança de cada temperamento e de accordo com as influencias do meio em que se produz.

A' parte este reparo, confessamos que lemos *Giovannina* com maximo prazer, e que muita phrase formosa, principalmente as da parte descriptiva, nos ficou a bailar na memoria e a scintillar como uma joia idéal finamente lapidada.

M.

Imprensa litteraria

Recebemos:

Tribuna Litteraria—E' uma nova revista de sciencias e Letras que no Recife se publica com a auspiciosa collaboração de nosso presado consocio Carlos Port. Carreiro e uma pleiade distinctissima de escriptores e poetas. E' nos desnecessario enacar o valor da rica *Revista* que só por si seria sufficiente para levantar o nivel intellectual e moral de uma terra já tão bellamente dotada. Palestras historicas, Professorado estadual. As reformas do ensino, Os Pequenos quadros de historia patria, (fragmentos de um precioso livro em preparação,) estudos sobre a lingua vernacula, etc. são inestimaveis preciosidades que constituem o escriptorio da *Tribuna Litteraria*.

Parabens a Pernambuco. Não recebemos o 1.º n.º e encarecidamente o reclamamos.

Paulista—N.º 29 e 30 com os retratos da conhecida poetiza brasileira Zahna Rolim e do jornalista M. Lisboa (o collega nada nos diz sobre os seus retratados) uma pagina em homenagem a Carlos Gomes e diversas outras paginas de critica ao governo, bem como os retratos dos directores do Club Jun-

preza: Silveira Lobo, Luiz Silveira e Arthur Suarân. O texto escolhido e variado.

Bohemia—*bohemia* é caricata folha de *bohémios* e dos trabalhadores moços de S. Paulo.

Honra a sua primeira, pagina o retrato do *conteur* Armando Erse, autor dos *Contos de minha terra*.

Um viva! lhes enviam os de cá!

A Arte—Revista artistica de Portugal (Porto) boas gravuras, estudos de artistas portuguezes, e o texto, embora que com pronunciado sabor symbolista, muito revela a força de vontade e o justo esforço dos dignos moços.

Agradecidos

O Cennulo—Outra symbolista revista do Paraná (Coritiba) que assiduamente nos ha visitado pelo que lhe somos sinceramente gratos.

Galeria Cearense—Devido aos incanveis esforços do Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos intelligente professor e jornalista, recebemos mais uma visita da folha mensal que como sempre vem cheia e variada de uteis e agradaveis estudos. Presta ella homenagem á memoria do nosso erudito e mallogrado patricio Rocha Lima.

Penhorados.

Carteira

Para a cidade do Icó, onde foi consorciar-se com a gentil e talentosa poetisa Exma. Sra. D. Anna Nogueira, seguiu no dia 12 do corrente o nosso presado companheiro Sabino Baptista.

Brevemente estará de regresso o poeta das *Vagas*, que vai realizar o seu idéal de moço com tão auspicioso enlace.

Antonio de Lafayette

A' rua das Flores, na modesta casa em que vivia, morreu na noite de 20 do corrente Antonio de Lafayette, na idade de 46 annos.

Lafayette era o typo mais caracteristicamente completo do bohemio cearense, dessa bohemia das *arrivas* e dos pequenos periodicos satyricos feitos para o grosso publico, que idolatrava Lafayette porque elle sabia vibrar-lhe a corda da alegria e do amor.

Paulo de Kock em miniatura, sua obra é feita no *Mezinho*, *Charão* e em todos os outros jornaesinhos que appareciam e desapareciam conforme os acontecimentos que os traziam á publicidade.

Ultimamente o *Figurino* foi seu derradeiro jornal, escripto e composto por suas descarnadas mãos de bohemio, entragado e pobre.

Que grande perda para as raparigas das *arrivas* e os rapazes das officinas e fabricas por essa lastimavel morte do nosso apollado patricio!

Descanço ao poeta e pesames á familia!

O sr. M. B. de Mello communicou-nos que alem duma photographia a rua Florentino Peixoto.

Agudeza de vista e gentileza